

Exercícios Específicos de Interpretação

A partir do texto, responda às questões (1) e (2):

Texto I

O sobrevivente

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de cultura.
Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoraram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heroicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Nova reunião: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

1. (UERJ 2011) Os dois primeiros versos enfatizam uma ideia que será desconstruída pela leitura integral do poema, caracterizando uma ironia, expressa também no título.

Transcreva o verso do texto que, em comparação com os dois primeiros, revela essa ironia. Em seguida, estabeleça a relação entre o verso transcrito e o título.

2. (UERJ 2011) Em um dos versos do poema, observa-se uma aparente contradição entre dois termos.

Identifique esse verso e explique por que, de acordo com a leitura do texto, a associação entre os termos não é contraditória.

3. (Unesp 2013) Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício

penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos. Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.)

Clarice Lispector coloca inicialmente o processo da criação literária como uma maldição. Em seguida, ressalva que é também uma salvação.

Com base no texto da crônica, explique como a autora resolve essa diferença de conceitos sobre a criação literária.

4. (UNICAMP 2013) Noite de autógrafos

A leitora, vistosa, usando óculos escuros num ambiente em que não eram necessários, se posta diante do autor sentado do outro lado da mesa de autógrafos e estende-lhe o livro, junto com uma pergunta: – O que é crônica?

O escritor considera responder com a célebre tirada de Rubem Braga, “se não é aguda, é crônica”, mas se contém, temendo que ela não goste da brincadeira. (...) Responde com aquele jeito de quem falou disso algumas vezes:

– É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista, que a imprensa usa para pôr um pouco de lirismo, de leveza e de emoção no meio daquelas páginas e páginas de dados objetivos, informações, gráficos, notícias... É coisa efêmera: jornal dura um dia, revista dura uma semana.

Já se prepara para escrever a dedicatória e ela volta a perguntar:

– E o livro de crônicas, então?

Ele olha a fila, constrangido. Escreve algo brevíssimo, assina e devolve o livro à leitora (...). Ela recebe o volume e não se vai, esperando a resposta. Ele abrevia, irônico:

– É a crônica tentando escapar da reciclagem do papel. Ela fica com ambição de estante, pretensiosa, quer status literário. Ou então pretensioso é o autor, que acha que ela merece ser salva e promovida. (...) – Mais respeito. A crônica é a nossa última reserva de estilo.

(Veja São Paulo, São Paulo, 25/07/2012, p. 170.)

A certa altura do diálogo, a leitora pergunta ao escritor que dava autógrafos:

“– E o livro de crônicas, então?”

Explique o funcionamento da palavra então na pergunta em questão, considerando o sentido que esta pergunta expressa.

5. (UFMG) Um grande silêncio desceu sobre a casa e, sozinha, já começava outro serviço quando ouvi um “psiu” insistente, e uma voz que me chamava: “Betty! Betty!” No primeiro momento pensei

que o Sr. Valdo ainda quisesse me recomendar alguma coisa, mas não tardei a perceber que se tratava apenas do Sr. Timóteo. Continuei parada, lembrando-me de que recebera avisos formais para que jamais fosse atendê-lo, mas do fundo do corredor chegou um “Betty” tão imperioso e ao mesmo tempo tão repassado de inquietação que não tive jeito para me esquivar. Que fosse tudo pelo amor de Deus, aquele era o dia das coisas extraordinárias. Desde que o Sr. Timóteo rompera com a família, numa tarde famosa em que quebrara metade das opalinas e das porcelanas da Chácara, eu ainda não penetrara muitas vezes no seu quarto, primeiro porque fora obrigada a prometer que não o atenderia enquanto não abandonasse suas extravagâncias, segundo porque me penalizava demais sua triste mania.

A partir dessa leitura, REDIJA um texto, explicando o emprego da palavra apenas, destacada no trecho transcrito, para caracterizar a posição de Timóteo na hierarquia familiar dos Meneses.

6. (UEG) O fatal

Ditoso o vegetal, que é apenas sensitivo,
Ou a pedra dura, esta ainda mais, porque não sente,
Pois não há dor maior do que a dor de ser vivo,
Nem mais fundo pesar que o da vida consciente.

Ser, e não saber nada, e ser sem rumo certo,
E o medo de ter sido, e um futuro terror...
E a inquietação de imaginar a morte perto,
E sofrer pela vida e a sombra, no temor
Do que ignoramos e que apenas suspeitamos,
E o túmulo a esperar com seus fúnebres ramos...
Nem saber donde vimos...

O sujeito poético aponta uma desvantagem de um grupo em relação aos outros. Qual é essa desvantagem?

7. (UERJ 2013)

TEXTO II



FÁBIO MOON e GABRIEL BÁ
paezinhos.blog.uol.com.br

Nos quadrinhos, as duas tartarugas fazem uma crítica em relação ao casal que está no carro. Explícite essa crítica em uma frase, usando palavras diferentes daquelas utilizadas pelas tartarugas.

Em seguida, justifique por que a crítica é reforçada pela imagem das próprias tartarugas.

Gabarito

1. Os dois primeiros versos enfatizam que é impossível escrever ou compor um poema nos tempos de hoje. O último verso _ (Desconfio que escrevi um poema.) _ reconhece, entretanto, que se acabou de escrever justamente um poema, caracterizando a ironia: é impossível escrever o poema que se acabou de escrever... "O sobrevivente" é exatamente o poema chamado "O sobrevivente", que sobreviveu à impossibilidade decretada ironicamente nos dois primeiros versos.
2. No verso "Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.", parece haver uma contradição entre "inabitável" e "habitado", já que ambos os adjetivos referem-se ao mundo. Entretanto, o primeiro adjetivo é qualitativo, pois se refere às condições de vida, enquanto o segundo adjetivo é quantitativo, pois se refere ao número cada vez maior de pessoas que habitam o mundo. Logo, não há contradição, ao contrário, pois o incremento na quantidade (de pessoas) pode implicar justamente o decréscimo da qualidade de vida, tornando o mundo mais inabitável.
3. A aparente contradição proposta no texto de Clarice Lispector entre a maldição e a salvação do ato de escrever se resolve quando a autora confronta em um mesmo campo o "vício penoso do qual é impossível se livrar", mas que "salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia em que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva". Isto é, o ato de escrever é um gesto inevitável que está acima da vontade e das preferências pessoais do autor e que, ao mesmo tempo, converte-se em uma atitude transformadora.
4. A palavra então funciona, assim, no enunciado, como um operador de conclusão, colocado numa pergunta em que a conclusão de um raciocínio é objeto de dúvida. É isto que torna possível tomar – já no plano enunciativo - o operador então como um marcador de contradição, contestação, como se a leitora dissesse: "O livro de crônicas não seria um paradoxo?".
5. O advérbio "apenas" tem valor semântico delimitativo. Evidenciar tal palavra demonstra a posição de Timóteo, renegado, dentro da hierarquia da família.
6. A desvantagem do grupo dos seres conscientes em relação ao dos que não têm consciência é que os primeiros, ao contrário dos segundos, sofrem angústias e temores em virtude do autoconhecimento decorrente da consciência dos dilemas e da finitude da vida.
7. Quando o motorista, personagem do cartum, justifica a alta velocidade em que dirige pela necessidade de não perder tempo porque eles se dirigem para o futuro, ele estabelece uma meta completamente abstrata e genérica para o seu movimento. Na verdade, como se pode depreender da fala das tartarugas, a velocidade é um fim em si mesmo, dificultando ou impedindo que ele aproveite a viagem – no caso, o presente –, tão preocupado que se encontra em chegar ao destino e ao tal do futuro. A crítica das tartarugas se reforça, em termos da imagem, porque os animais, proverbialmente lentos, se opõem ao carro-esporte e sua velocidade muito alta. A associação entre os elementos verbais e não verbais

permite a compreensão do conjunto dos quadrinhos, gênero, por natureza, estruturado pela combinação entre tais elementos.